

I. Artigo original

Avaliação do Impacto da Dor Subdiagnosticada em Gatos Internados em Ambulatórios Veterinários

Byanca de Cássia Tenório Virillo^{1*} , (iD Orcid 0009-0008-4842-2292)

Mayane Diógenes Barbosa² , (iD Orcid 0009-0004-7574-6808)

José Eduardo Silveira Coutinho³ , (iD Orcid 0000-0002-2502-9753)

¹Acadêmica do Curso de Veterinária do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, 8º semestre, Itu –SP, Brasil. E-mail: byanca.virillo@cs.ceunsp.edu.br

²Acadêmica do Curso de Veterinária do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, 8º semestre, Itu –SP, Brasil. E-mail: mayane.barbosa@cs.ceunsp.edu.br

³Professor e Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Veterinária do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, Itu –SP, Brasil. E-mail: jcoutinho@ceunsp.edu.br

Resumo. A dor em felinos internados é um desafio diagnóstico constante devido à etologia da espécie, que camufla sinais de sofrimento, resultando em subdiagnóstico frequente. Essa falha compromete o bem-estar e o prognóstico dos pacientes, apesar do conhecimento avançado em analgesia multimodal por parte dos clínicos. O objetivo geral deste estudo foi analisar as condutas de avaliação e manejo da dor em gatos internados e identificar a correlação entre o treinamento profissional específico e o uso de métodos diagnósticos validados. A metodologia envolveu a aplicação de um questionário em formato *survey* com 21 médicos- veterinários atuantes na clínica de felinos, seguido pela análise descritiva dos dados e pelo teste Exato de Fisher para investigar associações estatísticas entre as variáveis. Os resultados revelaram que 100% dos participantes reconhecem que a dor é subdiagnosticada (média de impacto percebido: 4,43/5,0) mas apenas 33,3% utilizam escalas validadas (FGS ou UNESP-Botucatu). O achado estatístico mais relevante demonstrou uma associação significativa entre o recebimento de treinamento específico e o uso dessas escalas ($p = 0,024$), com 60% de adesão entre os treinados contra apenas 9,1% entre os não treinados. A análise da conduta farmacológica indicou uma prioridade pela analgesia multimodal (Metadona e Gabapentina), cuja segurança e eficácia dependem diretamente da precisão na avaliação da dor. Portanto, frente ao exposto, conclui-se que o treinamento específico em manejo da dor é o fator determinante para a adoção de escalas validadas na rotina veterinária, sendo a principal ação estratégica para superar o subdiagnóstico da dor felina, traduzindo a alta consciência ética em prática clínica mensurável e eficaz, o que é essencial para elevar o padrão de bem-estar animal.

Palavras-chave: Analgesia. Felinos. Capacitação.

Assessment of the Impact of Underdiagnosed Pain in Cats Hospitalized in Veterinary Clinics.

Abstract. Abstract. Pain in hospitalized felines is a constant diagnostic challenge due to the species' ethology, which camouflages signs of suffering, often resulting in underdiagnosis. This failure compromises patient welfare and prognosis, despite the clinicians' advanced knowledge of multimodal analgesia. The general objective of this study was to analyze the practices for pain assessment and management in hospitalized cats and to identify the correlation between specific professional training and the use of validated diagnostic methods. The methodology involved applying a survey questionnaire to 21 veterinary practitioners working in feline medicine, followed by descriptive data analysis and the Fisher's Exact Test to investigate statistical associations between variables. Results revealed that 100% of participants recognize that pain is underdiagnosed (mean perceived impact: 4.43/5.0), but only 33.3% use validated scales (FGS or UNESP-Botucatu). The most relevant statistical finding demonstrated a significant association between receiving specific training and the use of these scales ($p=0.024$), with 60.0% adherence among trained professionals versus only 9.1% among the untrained. The analysis of pharmacological conduct indicated a priority for multimodal analgesia (Methadone and Gabapentin), whose safety and efficacy directly depend on the precision of pain assessment. Therefore, based on the foregoing, it is concluded that specific pain management training is the determining factor for the adoption of validated scales in veterinary routine, representing the main strategic action to overcome feline pain underdiagnosis, translating high ethical awareness into measurable and effective clinical practice, which is essential to elevate the standard of animal welfare.

Keywords: Analgesia. Felines. Training.

1 Introdução

A dor é universalmente reconhecida como o quinto sinal vital e seu controle adequado constitui um imperativo ético e clínico na medicina veterinária contemporânea. No entanto, a dor em gatos hospitalizados é um problema frequentemente subdiagnosticado, um desafio inerente às particularidades comportamentais da espécie e à dificuldade de comunicação com os tutores e profissionais de saúde veterinária. A etologia felina, marcada pela tendência de ocultar sinais de desconforto como mecanismo de sobrevivência, leva a manifestações de dor sutis e inespecíficas, o que pode levar a dificuldades no reconhecimento e manejo adequado da dor nessa espécie. Essa dificuldade se acentua em ambientes estressantes como ambulatórios e hospitais veterinários, onde o cenário de estresse basal pode mascarar ou exacerbar os sinais algícos.

Esse cenário é preocupante, uma vez que a dor não tratada pode gerar estresse, alterações fisiológicas e comprometimento do bem-estar, interferindo na recuperação clínica e cirúrgica. A subdiagnose da dor em gatos internados representa um grande desafio para a prática veterinária contemporânea, pois impacta diretamente na qualidade de vida dos animais e na questão do tratamento clínico ou cirúrgico. A dor não reconhecida deflagra uma cascata neuroendócrina, ativando o eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HHA) e o sistema nervoso simpático. Além de gerar sofrimento desnecessário, a dor não controlada pode provocar alterações fisiológicas, como imunossupressão, aumento da frequência cardíaca e respiratória, hipertensão e respostas inflamatórias exacerbadas, comprometendo a homeostase e a cicatrização. Tais alterações também modificam comportamentos essenciais, como alimentação, higiene e interação social, impactando o prognóstico.

Diante da necessidade de aprimoramento na gestão da dor felina, o tema desta pesquisa se concentra na avaliação da importância dada à avaliação da dor na espécie felina por parte dos médicos veterinários e nos impactos causados pela dor subdiagnosticada em gatos internados em ambulatórios veterinários. Essa investigação é crucial para identificar as lacunas entre o conhecimento científico e a prática clínica rotineira, sobretudo no que tange à adoção de escalas validadas (como a Feline Grimace Scale) e protocolos analgésicos multimodais.

Neste contexto, a problemática que orienta este estudo é: qual é o nível de importância dado à avaliação da dor e de que maneira a dor subdiagnosticada influencia a recuperação de gatos internados em contextos clínicos e cirúrgicos?

Para responder a essa questão, a metodologia adotada será de caráter bibliográfico e qualitativo, combinando levantamento de literatura especializada com análise de estudos aplicados sobre a avaliação e manejo da dor em gatos internados. Essa abordagem permitirá compreender os aspectos teóricos e práticos relacionados à subdiagnose da dor, fornecendo subsídios para intervenções clínicas mais seguras e centradas na recuperação dos animais.

O objetivo geral do trabalho é analisar a qualidade da avaliação da dor

recebida por gatos hospitalizados, enfatizando as consequências fisiológicas, comportamentais e clínicas da dor subdiagnosticada nessa espécie. Como objetivos específicos, pretende-se identificar os principais sinais de dor em felinos; avaliar os fatores que dificultam a detecção da dor e discutir estratégias de intervenção.

2 Material e Métodos

Foi conduzido um estudo transversal descritivo entre agosto e outubro de 2025, por meio da aplicação de um questionário online direcionado a médicos veterinários atuantes na clínica de pequenos animais. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição, e todos os participantes forneceram consentimento livre e esclarecido de forma digital antes do preenchimento do questionário.

A população-alvo consistiu em médicos veterinários graduados e atuantes em clínicas, hospitais e serviços de atendimento domiciliar localizados em diferentes cidades dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. A amostra foi selecionada por conveniência, e os participantes foram recrutados por meio de divulgação em redes sociais profissionais (Facebook, Instagram, WhatsApp), grupos de médicos veterinários e contato direto com estabelecimentos veterinários.

Os critérios de inclusão foram: ser graduado em Medicina Veterinária e atuar profissionalmente com atendimento a felinos. Foram excluídos da análise os participantes que não preencheram ao menos uma das duas informações de identificação resultando em uma amostra final de 21 participantes.

O instrumento de coleta foi um questionário estruturado, desenvolvido na plataforma Google Forms, composto por três seções: (a) caracterização do perfil profissional e do estabelecimento; (b) práticas de avaliação e manejo da dor em felinos; e (c) percepções sobre os desafios e o impacto do subdiagnóstico da dor. O questionário incluiu questões de múltipla escolha, escalas ordinais e uma questão aberta para comentários adicionais.

Os dados coletados foram exportados para uma planilha eletrônica

(Microsoft Excel®) e analisados utilizando o software Python (versão 3.11) com as bibliotecas pandas, numpy e scipy. As variáveis categóricas foram expressas em frequência absoluta (n) e relativa (%). Para a variável contínua (impacto do subdiagnóstico, mensurada em escala linear de 1 a 5), foram calculadas média, desvio padrão, mediana e valores mínimo e máximo.

Para avaliar possíveis associações entre variáveis categóricas, foi aplicado o Teste Exato de Fisher, considerando o tamanho amostral e a presença de células com frequência esperada inferior a 5. Para comparar a percepção de impacto do subdiagnóstico entre grupos independentes, foi utilizado o Teste

de Mann-Whitney, apropriado para dados ordinais. O nível de significância adotado foi de 5% ($\alpha = 0,05$).

3. Resultados e Discussão

Foram coletadas 25 respostas ao questionário, das quais 21 atenderam aos critérios de inclusão e, portanto, foram incluídas na análise. A maior parte participantes (52,4%; 11/21) atuava em clínica geral; seguida por hospital veterinário (19%; 4/21); atendimento exclusivo a felinos (14,3%; 3/21), anestesia (9,5%; 2/21); e atendimento domiciliar (4,8%; 1/21). Em relação ao volume de pacientes felinos internados, 47,6% (10/21) dos estabelecimentos internavam entre 6 e 10 gatos por mês; 19,0% (4/21) mais de 20 gatos; 19,0% (4/21) até 5 gatos; e 14,3% (3/21) entre 11 e 20 gatos mensalmente.

Como podemos observar na Tabela 1, quanto à capacitação profissional, um total de 47,6% (10/21) dos veterinários relataram que suas equipes recebem treinamento específico em manejo da dor em felinos, 33,3% (7/21) recebem treinamento apenas ocasionalmente e 19,0% (4/21) não recebem treinamento. De acordo com Kukanich; Wiese (2015) o conhecimento adquirido via treinamento é fundamental para o uso correto de fármacos e a adoção de protocolos baseados em evidências. Já Carmo (2022) destaca que o domínio de técnicas avançadas, como bloqueios locorregionais, exige treinamento prático e teórico, sendo a falta de

capacitação uma barreira para a analgesia multimodal completa.

No que tange a implementação de um protocolo formal e escrito para avaliação da dor, 52,4% (11/21) dos estabelecimentos afirmam ter, enquanto 33,3% (7/21) diz ainda não possuir o protocolo. De acordo com Grimm et al. (2015), os protocolos formais são a base para padronizar o manejo e garantir que a avaliação da dor seja uma prioridade. Monteiro; Lee; Steagall (2023) destacam que um protocolo deve especificar o uso de escalas validadas, garantindo que a intenção de ter um protocolo se traduza em prática objetiva. Pensando neste contexto, o registro da avaliação da dor no prontuário do paciente foi reportado como realizado sempre por 42,9% (9/21) dos profissionais, como frequentemente por 38,1% (8/21) e como raramente por 19,0% (4/21). Este dado demonstrou alta disciplina de registro dos profissionais que participaram do estudo.

Tabela 1. Frequência de treinamento, existência de protocolos e registro da avaliação de dor em pacientes felinos (n=21).

Parâmetro	Categoria	n	%
Treinamento da Equipe			
	Sim	10	47,6
	Ocasionalmente	7	33,3
	Não	4	19,0
Protocolo Formal Escrito			
	Sim	11	52,4
	Não	7	33,3
	Em desenvolvimento	3	14,3
Registro no Prontuário			
	Sempre	9	42,9

	Frequentemente	8	38,1
	Raramente	4	19,0

As ferramentas mais citadas para avaliação da dor foram a Escala de Expressão Facial (FGS) e a palpação com exame físico, ambas mencionadas por seis participantes (Evangelista *et al.*, 2019).

A observação comportamental foi citada por quatro respondentes, a Escala Composta UNESP-Botucatu por um participante, e um profissional declarou não utilizar ferramentas específicas.

Apenas 33,3% (7/21) dos participantes relataram utilizar escalas validadas (FGS ou UNESP-Botucatu) em sua prática clínica, o que demonstra a baixa adesão a métodos objetivos. Grimm *et al.* (2015) defendem que a avaliação da dor deve ser uma prioridade e que o uso de métodos subjetivos como a palpação ou a simples observação é ineficaz em gatos, sendo necessário o uso de escalas para padronização. Deste modo, a baixa adesão às escalas observada para o presente trabalho sugere uma falha na padronização.

No que tange a reavaliação da dor, ela era realizada a cada turno (12/12h) por 57,1% (12/21) dos veterinários; diariamente por 28,6% (6/21); e sem rotina definida por 14,3% (3/21). Sobre este assunto, Vilela *et al.* (2024) reforçam que a administração de medicamentos, especialmente opioides, deve ser seguida por uma reavaliação para titular a dose e garantir a eficácia e que essa é a única maneira de assegurar que o paciente não está sofrendo antes da próxima dose. Já Carmo (2022) destaca aborda a necessidade de protocolo no manejo da dor, especificando o claramente a frequência de revalidação.

Como podemos observar na Tabela 2, os analgésicos mais frequentemente citados foram a Metadona (16 citações), a Gabapentina (14 citações), o Tramadol (10 citações) e o Meloxicam (9 citações), refletindo a prática da analgesia multimodal, mencionada por Souza (2021). Outros fármacos mencionados incluíram Buprenorfina (4 citações), Cetoprofeno (1 citação) e Dipirona (1 citação). Um veterinário declarou não utilizar analgésicos por não realizar internações. O uso da Metadona, que é um potente agonista opioide, e da Gabapentina, um adjuvante

neuromodulador, demonstra a prioridade em manejar tanto a dor aguda quanto o componente neuropático, o que está em concordância com as diretrizes mais recentes conforme observado nos trabalhos de Kukanich e Wiese (2015) e Vilela *et al.* (2024).

A Metadona atua no sistema nervoso central (SNC) bloqueando a transmissão do sinal de dor (Vilela *et al.*, 2024). Ainda que ela atue na dor somática e visceral de intensidade moderada a grave, sua meia-vida é mais longa em gatos, comparada a outros opioides, proporcionando uma analgesia mais estável com menor risco de oscilação do nível de dor (Souza, 2021). Contudo ela pode levar à euforia/disforia e desencadear hipertermia, gerando uma complicação grave que exige monitoramento intensivo (Grimm *et al.*, 2015)

Já a Gabapentina atua bloqueando a dor neuropática ao reduzir o influxo de cálcio nos neurônios pré-sinápticos (Gicovate *et al.*, 2023). Este fármaco tem uma ação sinérgica e é uma opção importante para tratar a dor que o opioide não alcança (Arruda, 2022). Contudo, o uso em doses altas pode causar sedação dose-dependente e ataxia em gatos, o que pode mascarar o comportamento de dor e levar à falha na ingestão de alimentos e água, exigindo ajustes de dose precisos (Carmo, 2022).

Tabela 2. Analgésicos mais utilizados em gatos internados, segundo os médicos veterinários participantes (n=21).

Analgésico	Número de citações
Metadona	16
Gabapentina	14
Tramadol	10
Meloxicam	9
Buprenorfina	4
Outros*	3

*Cetoprofeno, Dipirona e outros não aplicáveis.

Todos os veterinários (100%; 21/21) relataram já ter observado melhora clínica significativa após a administração de analgesia, o que valida empiricamente a importância da identificação e do tratamento da dor. Quanto à percepção sobre o diagnóstico da dor em gatos internados, 52,4% (11/21) consideraram que a dor é às vezes subdiagnosticada e 47,6% (10/21) que é frequentemente subdiagnosticada. O trabalho de Cheng *et al.* (2023) corrobora com estes dados do subdiagnóstico e os autores ainda ressaltam que apesar do avanço no manejo da dor, este ainda continua sendo um problema generalizado na clínica felina.

No presente estudo nenhum participante considerou a dor felina como adequadamente diagnosticada ou raramente subdiagnosticada, estabelecendo um consenso sobre o problema. Monteiro, Lee e Steagall (2023) chamam atenção para a capacidade do gato de camuflar sinais de sofrimento, o que é a causa primária do subdiagnóstico. Já Evangelista *et al.* (2019) mostram que a subjetividade da avaliação clínica é a principal causa de falha, o que leva os veterinários a terem a percepção de que a dor é subdiagnosticada.

O impacto do subdiagnóstico da dor na recuperação dos pacientes foi considerado alto, com uma pontuação média de 4,43 ($\approx 0,81$) em uma escala de 1 (nenhum impacto) a 5 (impacto muito significativo), e com uma mediana de 5,0. A distribuição das respostas revelou que 61,9% (13/21) dos participantes atribuíram a pontuação máxima (5), reforçando a percepção da gravidade do problema e a necessidade urgente de aprimoramento diagnóstico.

Esta alta pontuação é validada pelo trabalho de Piovesan *et al.* (2023) que afirma que a dor não tratada tem um impacto sistêmico negativo na recuperação do paciente, incluindo catabolismo e estresse. Sendo assim, a alta pontuação de impacto observada para este trabalho (4,43) é um reflexo da realidade clínica e não apenas uma percepção.

Vilela *et al.* (2024) destacam a importância do tratamento da dor para o prognóstico positivo. Para os autores *loc. cit.*, a alta percepção de impacto da dor não tratada é validada pelo argumento deles de que o tratamento é essencial para a recuperação e bem-estar do paciente felino. Steagall *et al.* (2023) reforçam que o uso de uma escala validada é necessário para

mitigar o impacto do subdiagnóstico. Por exemplo, este valor alto observado para o presente trabalho, de 4,43, justificaria a urgência em usar as ferramentas como FGS.

Além disso, a alta consciência ética sobre o impacto observada nos resultados contrasta, no entanto, com a baixa adesão às ferramentas de avaliação objetiva, o que sugere que a falha reside na implementação técnica e não na preocupação clínica. Cheng *et al.* (2023) discutem o paradoxo entre a alta consciência da dor em felinos e a baixa taxa de tratamento adequado devido à subjetividade.

Como podemos observar na Tabela 3, foi investigada a associação entre o treinamento específico em manejo da dor e o uso de escalas validadas (FGS ou UNESP-Botucatu). Entre os profissionais que recebem treinamento, 60,0% (6/10) utilizam escalas validadas, enquanto entre aqueles que não recebem treinamento ou o recebem apenas ocasionalmente, apenas 9,1% (1/11) utilizam tais ferramentas. Sobre este assunto, Evangelista *et al.* (2019) justifica o porquê de usar a escala ser o padrão-ouro. De acordo com o estudo dos autores *loc. cit.*, o resultado encontrado para o presente trabalho ($p=0,024$) demonstra que a adoção prática dessas escalas depende de treinamento, fechando o ciclo entre pesquisa e prática clínica.

Em continuidade, o teste de Fisher revelou associação significativa entre essas variáveis ($p = 0,024$), indicando que o treinamento está associado ao uso de escalas validadas para avaliação da dor em felinos. Kukanich e Wiese (2015) defendem que o uso seguro e eficaz dos fármacos (*i.e.* Metadona, Gabapentina) exige o conhecimento teórico e prático, que fora corroborado pelo resultado observado neste trabalho que mostrou que o treinamento é o mecanismo que fornece esse conhecimento, permitindo ao veterinário usar ferramentas objetivas para titular esses medicamentos de forma segura.

O estudo de Monteiro, Lee e Steagall (2023) destaca a necessidade de superar a subjetividade na clínica felina, que fora inclusive estatisticamente comprovada com o presente trabalho de que essa superação é possível: o treinamento transforma a intenção de avaliar (subjetiva) em uma conduta objetiva (uso de escala).

Tabela 3. Associação entre treinamento específico em manejo da dor e uso de escalas validadas (n=21).

Treinamento	Usa escala validada	Não uso da escala	Total
Sim	6 (60,0%)	4 (40,0%)	10
Não/Ocasional	1 (9,1)%	10(90,9) %	11
Total	7	14	21

*Teste Exato de Fisher: $p=0,024$

Não foram observadas associações significativas entre a existência de protocolo formal e o registro regular no prontuário ($p > 0,05$), nem entre o uso de escalas validadas e a frequência de reavaliação da dor ($p = 1,000$). O resultado sugere que a mera existência do protocolo não garante sua qualidade ou execução, dependendo de uma auditoria rigorosa e de um conteúdo específico sobre a avaliação da dor, conforme preconizado por Silva *et al.* (2019); e Pedroso e Batista (2017).

Adicionalmente, não houve diferença significativa na percepção de impacto do subdiagnóstico entre profissionais com e sem treinamento ($p>0,05$), confirmando que a consciência ética é generalizada na amostra, mas a capacidade técnica é que é mediada pela capacitação. Vilela *et al.* (2024) defendem a importância ética do tratamento da dor para o bem-estar felino e Sandoval *et al.* (2017) reforçam que a diferença entre o desejo de ajudar o paciente e a prática clínica eficaz reside na habilidade técnica de monitorar e avaliar a dor.

A análise estatística demonstra que o treinamento é o principal fator preditivo para o uso de métodos de avaliação validados. A diferença de 60% de adesão a escalas validadas entre os treinados contra apenas 9% entre os não treinados comprova que a educação continuada é o

mecanismo eficaz para traduzir a consciência ética em conduta clínica mensurável. Para Carmo (2022), o treinamento (*i.e.* educação continuada) é o mecanismo que transforma o conhecimento teórico (consciência ética) em conduta clínica mensurável (uso das escalas validadas). Neste sentido, o investimento na capacitação é, portanto, a ação estratégica principal para reduzir a falha metodológica que leva ao subdiagnóstico da dor felina. Grimm *et al.* (2015) defendem que a analgesia deve ser padronizada em um ambiente hospitalar e que o treinamento (*i.e.* educação continuada) é o único caminho para garantir essa padronização e reduzir a falha metodológica (subjetividade).

O reconhecimento do subdiagnóstico por 100% da amostra estabelece um paradoxo no qual o veterinário está ciente do alto impacto do sofrimento não tratado, mas não adota as ferramentas que poderiam mitigar esse sofrimento.

Essa falha é claramente de implementação, uma vez que a FGS é uma ferramenta validada, prática e rápida, mas que exige familiaridade e treinamento para a correta interpretação das expressões faciais. De acordo com Steagall *et al.* (2023), o treinamento rompe essa inércia, ensinando o profissional a quantificar a dor e a titular a analgesia de forma precisa, o que valida a importância deste achado estatístico.

O risco do subdiagnóstico é comprovado pelo alto valor de impacto percebido, indicando que os veterinários têm ciência do alto custo do sofrimento não tratado na recuperação felina. O fato de 61,9% dos participantes terem atribuído a pontuação máxima reforça que o problema da dor é considerado uma das maiores ameaças ao prognóstico de internação, conforme já preconizava Cheng *et al.* (2023).

Essa consciência, no entanto, torna o paradoxo ainda mais evidente: profissionais cientes do risco, mas que falham na adoção de métodos objetivos de minimizá-lo. Para Vilela *et al.* (2024) a consciência de que a dor é subdiagnosticada pode ser interpretada de forma positiva, indicando uma melhor percepção da necessidade de aprimoramento e tornando o profissional mais propenso a absorver novos conhecimentos e técnica.

A baixa adesão às escalas validadas, com apenas 33,3% dos profissionais as utilizando, é a falha metodológica que sustenta o

subdiagnóstico da dor felina, corroborando a literatura que aponta para a resistência em substituir a subjetividade pela objetividade. Evangelista *et al.* (2019) fala da dificuldade de avaliar a dor em felinos, mostrando este paradoxo ético-prático na rotina clínica, mesmo quando o veterinário está ciente do alto impacto (sofrimento não tratado). Para Carmo (2022), o uso exclusivo de observação comportamental e palpação, métodos dependentes da experiência do examinador, pode levar à subestimação da dor, pois os gatos só demonstram alterações óbvias de comportamento em estados avançados de desconforto. Já segundo Steagall *et al.* (2023) a adoção da FGS, por exemplo, permitiria uma detecção mais precoce e precisa, independentemente do nível de estresse do ambiente, sendo uma ferramenta crítica negligenciada pela maioria.

A eficácia inquestionável do tratamento, evidenciada por 100% dos participantes que observaram melhora clínica após a analgesia, reforça a importância prática de identificar a dor, conforme preconizado por Quadros *et al.* (2023).

Essa percepção positiva sobre a resposta ao tratamento, conforme interpretado por Iepsen *et al.* (2025), fecha o ciclo clínico, indicando que o problema não é a ineficácia dos analgésicos, mas a falha na etapa anterior de identificação da necessidade de administrá-los.

A escolha dos agentes farmacológicos, com Metadona, Gabapentina e Tramadol no topo da lista, indica que os veterinários priorizam a analgesia multimodal, utilizando fármacos que atuam em diferentes pontos da via nociceptiva. Piovesan *et al.* (2023) destaca que o uso combinado de um opioide (*i.e.* Metadona) com um adjuvante neuromodulador (*i.e.* Gabapentina) demonstra um conhecimento sobre a complexidade da dor felina, incluindo o componente neuropático e crônico. Para Kukanich e Wiese (2015) essa conduta farmacológica é robusta e alinhada às melhores práticas internacionais, mas sua otimização e a segurança na titulação dependem fundamentalmente da precisão diagnóstica fornecida pelas escalas.

Apesar do uso correto de AINEs, como o Meloxicam, que são eficazes para a dor inflamatória, a sensibilidade farmacológica dos felinos exige monitoramento constante, o que é facilitado pela reavaliação objetiva da

dor.

De acordo com Carroll, Howe e Peterson (2005), os gatos têm menor capacidade de metabolizar esses agentes, aumentando o risco de toxicidade renal e gastrointestinal se o tratamento não for rigorosamente guiado por uma avaliação da dor.

A combinação de AINEs com opioides, como a Metadona e a Buprenorfina, maximiza o conforto, mas a decisão de dosagem e o tempo de tratamento devem ser guiados pela pontuação da dor na escala. Essa necessidade de monitoramento reforça a importância do $p=0,024$, pois a precisão da avaliação é o que garante a segurança da terapêutica multimodal.

A inclusão da Cetamina e dos Alfa-2 Agonistas, mesmo que em menor frequência, complementa o arsenal da analgesia preventiva, na qual o bloqueio da sensibilização central é fundamental para o sucesso do tratamento pós-operatório. De acordo com Arruda (2022), o uso desses fármacos visa evitar a cronificação e a hiperalgesia. Carmo (2022) destaca que a Cetamina, como antagonista NMDA, é vital na prevenção da hiperalgesia e da dor crônica, atuando de forma sinérgica com os opioides e os anestésicos locais. O uso de tais agentes farmacológicos demonstra que o conhecimento teórico sobre a cascata da dor está presente na amostra, mas a sua aplicação precisa ser rotinizada e padronizada através do treinamento.

4. Considerações finais

O presente estudo demonstra que o treinamento específico em analgesia é o fator determinante para a superação do subdiagnóstico da dor em felinos internados. Verificou-se que a falha em avaliar a dor reside menos na ética (que é elevada na amostra) e mais na carência de habilidade técnica, pois o uso de escalas validadas, como a Feline Grimace Scale (FGS), é significativamente maior entre os profissionais capacitados (diferença de adesão superior a 50 pontos percentuais).

Apesar da alta consciência, apenas um terço dos veterinários utiliza métodos

objetivos, perpetuando o sofrimento não tratado. Essa inação técnica compromete o uso seguro e eficaz do arsenal farmacológico avançado disponível. Conclui-se que a capacitação é a principal ação estratégica para converter a consciência moral em prática clínica mensurável e eficaz, sendo imperativa para elevar o padrão de bem-estar animal.

Referências

A ARRUDA, Alice Carolina Albuquerque Montenegro. **Uso da cetamina em pacientes com trauma cranioencefálico: Revisão de literatura**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Zootecnia) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Agrárias, Campus II, Areia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/23282>. Acesso em: 10 set. 2025.

CARMO, Jeynne Pereira do. **Os principais bloqueios utilizados na analgesia e anestesia de cães e gatos: revisão de literatura**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Zona Leste, Manaus, 2022. Disponível em: <http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/bitstream/4321/1136/1/Os%20principais%20bloqueios%20utilizados%20na%20analgesia%20e%20anestesia%20de%20c%C3%A3es%20e%20gatos%3A%20revis%C3%A3o%20de%20literatura>. Acesso em: 02 jan. 2025.

CARROLL, Gwendolyn L. Analgésicos e dor. **Clínicas Veterinárias da América do Norte: Clínica de Pequenos Animais**, v. 29, n. 3, p. 701-717, 1999. Disponível em: <https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/300678>. Acesso em: 16 set. 2025.

CARROLL, Gwendolyn L.; HOWE, Lisa B.; PETERSON, Kurt D. Eficácia analgésica da administração pré-operatória de meloxicam ou butorfanol em gatos onicotomizados. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 226, n. 6, p. 913-919, 2005. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15786993/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

CHENG, Alice J. et al. Validade de construto, responsividade e confiabilidade da Escala de Caretas Felinas em gatinhos. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 25, n. 12, p. 1098612X231211765, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38095930/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

EVANGELISTA, Marina C. et al. Expressões faciais de dor em gatos: desenvolvimento e validação de uma Escala de Caretas Felinas. **Scientific reports**, v. 9, n. 1, p. 19128, 2019. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-019-55693-8>. Acesso em: 10 mar. 2025.

GICOVATE, Ana Gabriela Poppe et al. Crise dos opioides e gerenciamento eficaz de sua dependência:: uma revisão bibliográfica. **Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos**, v. 18, n. 1, p. 32-37, 2023. Disponível em:

<https://revista.fmc.br/ojs/index.php/RCFMC/article/view/557>. Acesso em: 20 mar. 2025.

GRIMM, Kurt et al. Anestesiologia e analgesia em veterinária. Editora Roca, 2015.

IEPSEN, Luã Borges et al. Revisão sistemática dos efeitos anestésicos e analgésicos da cetamina intravenosa em cães e gatos. **Archives of Veterinary Science**, v. 30, n. 2, 2025. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/veterinary/article/view/96920>. Acesso em: 2 set. 2025.

KUKANICH, Butch; WIESE, Ashley J. Opioides. **Anestesia e analgesia veterinária: A quinta edição de Lumb e Jones**, p. 207-226, 2015.

MENCALHA, Rodrigo; GENEROSO, Camila de Souza; SOUZA, Daniel Sacchi de. Bloqueio analgésico intervencionista em cão com síndrome da cauda equina. Relacionado ao caso. **BrJP**, v. 2, p. 199-203, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/brjp/a/7ydDmdp7HpMg5nmDnqFFPyJ/?lang=pt>. Acesso em: 5 set. 2025.

MONTEIRO, Beatriz P.; LEE, Netta HY; STEAGALL, Paulo V. Os cuidadores de gatos podem avaliar de forma confiável a dor aguda em gatos usando a Escala de Caretas Felinas? Um amplo estudo global bilíngue. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 25, n. 1, p. 1098612X221145499, 2023. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-potiguar/medicina-baseada-em-evidencias-iii/monteiro-et-al-2023-can-cat-caregivers-reliably-assess-acute-pain-in-cats-using-the-feline-grimace-scale-a-large/98805476>. Acesso em: 8 set. 2025.

PEDROSO, Caroline Ribeiro; BATISTA, Francislene Lavor. O uso indiscriminado dos anti-inflamatórios não esteroidais. **Saúde & ciência em ação**, v. 3, n. 1, p. 48-69, 2017. Disponível em: <https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaICS/article/view/332>. Acesso em: 10 set. 2025.

PIOVEZAN, Marcelo et al. Uso e prescrição de opioides no Brasil: revisão integrativa. **BrJP**, v. 5, p. 395-400, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/brjp/a/Jm6K9zDwJtH64GFkX5BNbhg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 set. 2025.

QUADROS, Elza Alice et al. Segurança e eficácia em campanhas de castração: Análise crítica de protocolos anestésicos em cães e gatos. **Peer Review**, v. 5, n. 25, p. 473-488, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/376441432_Seguranca_e_eficacia_em_campanhas_de_castracao_Analise_critica_de_protocolos_anestesicos_em_caes_e_gatos. Acesso em: 15 set. 2025.

SANDOVAL, Alline Correia et al. O uso indiscriminado dos anti-inflamatórios não esteroidais (AINES). **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, v. 8, n. 2, p. 165-176, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unifaema.edu.br/bitstream/123456789/2164/1/ARTIGO%20PUBLICADO%20FAEMA.pdf>. Acesso em: 21 set. 2025.

SILVA, Mairon Mota et al. O uso crônico de anti-inflamatórios não-esteroidais e seus efeitos adversos. **Cadernos da Medicina-UNIFESO**, v. 2, n. 2, 2019.

Disponível em: <https://revista.unifeso.edu.br/index.php/cadernosdemedicinaunifeso/article/view/1374>. Acesso em: 23 set. 2025.

SOUZA, Aline Ferreira de. **Fármacos opioides utilizados em felinos domésticos**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFRGS2_946f3b9ca5e2e1ab4078b41148070ed0. Acesso em: 25 set. 2025.